

“Agro é tudo”: um relato de atividade extensionista para crianças envolvendo a produção de alimentos

“Agro is everything”: an account of extension activities for children involving food production

Victor Hugo Silva Souza¹
Maria Cristina de Souza Silva²
Lorena Martins Brandão³
Rubens José Guimarães⁴

RESUMO

Muitas crianças não conhecem o sistema de produção agrícola em função de viverem na cidade. Portanto, permitir o contato dessas crianças com os diversos sistemas de produção da cadeia de alimentos é proporcionar novas experiências e novos conceitos. O objetivo deste trabalho foi esclarecer às crianças como é o funcionamento do sistema de produção de alimentos, desde sua implantação no campo até o consumidor final. O projeto contou com a participação de 10 escolas e 150 crianças com faixa etária variando de 5 a 14 anos do município de Lavras. Por meio das metodologias qualitativas foi possível avaliar o impacto da visita na vida das crianças, dos pais e dos professores. A atividade foi desenvolvida no Departamento de Agricultura da Universidade Federal de Lavras, envolvendo setores de fruticultura, olericultura, cafeicultura e entomologia. Concluiu-se que a experiência teve impacto positivo na vida das crianças, pais e professores, mostrando que a exposição de crianças a experiências diferenciadas beneficia ainda mais a educação infantil.

Palavras-chave: Produção de alimentos. Educação infantil. Extensão universitária.

ABSTRACT

Many children do not know the agricultural production system because they live in the city. Therefore, allowing the contact of these children with the different production systems of the food chain means providing new experiences and new concepts. The objective of this work was to explain to children how the food production system works, from its implementation in the field to the final consumer. The project involved the participation of 10 schools and 150 children with ages ranging from 5 to 14 years old in the municipality of Lavras, State of Minas Gerais, Brazil. Through qualitative methodologies it was possible to assess the impact of the visit on the lives of children, parents and teachers. The activity was developed at the Department of Agriculture of the Federal University of Lavras, involving sectors of fruit, olericulture, coffee and entomology. It was concluded that the experience had a positive impact on the lives of children, parents and teachers, showing that the exposure of children to differentiated experiences further benefits early childhood education.

¹ Doutorando em Agronomia na Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil (victorhssouza@hotmail.com).

² Mestranda em Bem-estar Animal e Tratamento de Resíduos Agroindustriais na Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil (crissosii@hotmail.com).

³ Doutoranda em Agronomia (Fitotecnia) na Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil; bolsista CNPq (lmartinsbrandao@yahoo.com.br).

⁴ Doutor em Agronomia (Fitotecnia) pela Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil; professor titular do Departamento de Agricultura na mesma instituição (rubensjg@ufla.br).

Keywords: Food production. Child education. University extension.

INTRODUÇÃO

Segundo a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990), a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e de dignidade.

Pesquisas demonstram que quando as condições para o desenvolvimento durante a primeira infância são boas, maiores são as chances de a criança atingir o melhor da sua capacidade, transformando-se em um adulto mais estável, produtivo e completo (UNICEF, 2016).

Com isso, essa fase de desenvolvimento é também o momento de geração de conceitos, concepções, convicções e opiniões, motivadas por um grande aporte de informações e ideias, que pode ser influenciado de modo positivo ou negativo. Esses acontecimentos precoces de natureza física, emocional, social e cultural permanecem inscritos no subconsciente da criança (FIGUEIRÓ, 2009).

O contato das crianças com os educadores transforma-se em relações de aprendizado mútuo, pois cada criança tem seu jeito de ser, seus costumes, sua rotina, e o processo de adaptação deve ocorrer com suavidade para que, aos poucos, a criança possa se ajustar ao grupo. Portanto, é de extrema importância que a pessoa que se encontra no papel de educador não se sinta ansioso, respeitando o tempo de cada um nesse processo de aprendizagem (MOUSINHO *et al.*, 2010).

Para Duarte (2013), o desenvolvimento do psiquismo individual está inserido na totalidade das relações existentes numa dada sociedade, ou seja, a personalidade é processo resultante da síntese de aspectos objetivos e subjetivos, produto da atividade individual condicionada pela totalidade social, constituindo-se como autoconstrução da individualidade graças à atividade e consciência historicamente construídas.

Segundo Decroly (2010), as primeiras experiências de aprendizagem devem ser reais e concretas, passando-se depois ao mais abstrato. Por isso, o educador levou sua escola para os arredores da cidade, onde as crianças tinham mais contato com a natureza e com uma série de áreas externas em que podiam plantar, cuidar de animais e desenvolver muitas atividades ao ar livre.

Os processos de adaptação entre a criança e o educador modificam esse modo de aprendizado, tornando-o mais prático e atrativo, revelando de forma simplificada e de maneira didática o verdadeiro significado de algumas atividades do setor agrícola, que para a grande maioria é algo nunca visto, auxiliando na formação de novos cidadãos e mostrando que os produtos do campo estão presentes no dia-a-dia de todos, do vestuário até os alimentos de milhares de brasileiros.

Nesse contexto, foi criado o projeto de extensão intitulado “Agro é tudo”, realizado pelo grupo PET Agronomia da Universidade Federal de Lavras (UFLA). O objetivo deste trabalho foi esclarecer às crianças como é o funcionamento do sistema de produção de alimentos, desde sua implantação no campo até o consumidor final.

METODOLOGIA QUALITATIVA

A interpretação da realidade, segundo a perspectiva dos autores Bogdan e Biklen (1994), é uma visão holista, assumindo que os sujeitos são capazes de “construir” a realidade e de refletir sobre a sua ação e criar uma visão sobre as coisas cheias de significados. A realidade é vista como ação culturalmente contextualizada e não como comportamentos predeterminados.

A utilização das metodologias qualitativas de investigação na forma de estudos de caso etnográficos ou biográficos tem ganhado terreno na pesquisa em Ciências Sociais. As características de que se revestem tornam essas metodologias apropriadas a uma abordagem de processos socioculturais na qual as interações sociais constituem o objeto predominante e em que os sujeitos se assumem como agentes detentores de saberes (STAKE, 2009).

Para tanto, deve-se considerar a singularidade da pessoa, porque sua subjetividade é uma manifestação da plenitude de sua vida. A experiência e a vivência ocorrem no terreno da coletividade e se contextualizam pela cultura do grupo social em que ela se insere (MINAYO, 2012).

Assim, uma das vantagens da pesquisa qualitativa está em ser especialmente eficaz no estudo de nuances sutis da vida humana e na análise dos processos sociais ao longo do tempo. A principal vantagem deste método está na oportunidade de explorar pressupostos que interferem na nossa compreensão do mundo social. A pesquisa qualitativa é particularmente adequada para áreas, temas ou problemas que não são bem conhecidos ou não tenham respostas apropriadas. Uma vez que a pesquisa qualitativa simultaneamente coleta, analisa e

reformula perguntas, ela é particularmente apropriada para novos tópicos e temas (KERR; KENDALL, 2013).

Importância da extensão universitária

Os primórdios da extensão universitária aparecem com as universidades populares da Europa, no século passado, que tinham como objetivo disseminar os conhecimentos técnicos, segundo vários autores, como Rocha (1986), Fagundes (1986) e Botomé (1992). Essa troca de conhecimentos tem como objetivo principal levar assuntos acadêmicos para a população não acadêmica e, conseqüentemente, ouvir e compreender os anseios, as aspirações e os saberes da comunidade. A Universidade, “ao comunicar-se com a realidade local, regional ou nacional, tem a possibilidade de renovar constantemente sua própria estrutura, seus currículos e suas ações criativamente, conduzindo-os para o atendimento da verdadeira realidade do país” (SILVA, 1997, p. 148).

Mendonça e Silva (2002) afirmam que poucos são os que têm acesso direto aos conhecimentos gerados na universidade pública e que a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos, assim como para o redimensionamento da função social da própria universidade, principalmente se for pública. Ressaltam que uma das principais funções sociais da universidade é a de contribuir na busca de soluções para os graves problemas sociais da população, formulando políticas públicas participativas e emancipadoras. A Extensão, portanto, pode ser considerada indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, implicando em relações multi, inter ou transdisciplinares e interprofissionais. A qualidade e o sucesso dos profissionais formados pelas universidades, dessa maneira, dependem, diretamente, do nível de desenvolvimento, equilíbrio e harmonia entre essas três áreas da Universidade.

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela extensão universitária ao proporcionar o diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. “Na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos” (SOUZA *apud* SILVA, 2011, p. 2).

A extensão universitária nada mais é do que a interação, a troca de conhecimentos entre a universidade e a cidade na qual está inserida. Esse relacionamento é de suma

importância para as duas partes envolvidas, visto que em instituições de ensino superior há pessoas de todas as partes do mundo, com culturas e costumes distintos da nova cidade (SOUZA, 2018).

Extensão para crianças

Meirieu (1998) recorre à ideia de que nem todos aprendem no mesmo ritmo, de acordo com os mesmos padrões, assimilando da mesma forma, com a mesma facilidade. Por isso, é necessário estabelecer caminhos e alternativas para cada conjunto de crianças. Não se pode fechar cada um na sua própria estratégia de aprendizagem; devem ser abertas perspectivas e a aprendizagem deve abrir caminhos para a metacognição. O saber não é a soma de técnicas, mas o aprender a refletir, a esmiuçar os conteúdos, a pensar para além.

Corroborando com o pensamento de Meirieu, Gadotti (2003) afirma que não basta aprender, pois o conhecimento é polivalente. Importa muito mais aprender a aprender e aprender a viver juntos, participar em projetos comuns. Aprender tornou-se, sobretudo, fazer uma grande viagem ao interior do ser, com autonomia, saber cuidar de si, dos outros, das coisas.

Os recursos pedagógicos utilizados na extensão para crianças são diversificados e diferenciados daqueles utilizados nas aulas regulares da escola, na tentativa de estimular o interesse e o envolvimento da criança e levá-la a se sentir sujeito da construção do conhecimento, assim como os recursos preconizados por Cruz (2016).

A extensão como atividade na vida de crianças e adolescentes se torna uma ferramenta que pode ser utilizada como meio para promover práticas de trabalho em equipe, solidariedade e autonomia, além de incentivar o desenvolvimento psicológico com métodos motivadores realizados em setores da sociedade pouco vistos por muitas dessas crianças (SOUZA, 2018).

O que a criança vive, sente, vê, experimenta marca mais profundamente sua personalidade do que em qualquer outra idade. Se ela é mais suscetível a ser influenciada pelo meio, é também nessa fase que seu potencial está mais propenso para as aprendizagens básicas (DAL PONTE, 2017).

Nesse sentido, a extensão está focada em atuar em áreas diferenciadas, gerando um conhecimento qualificado para quem a faz. Com isso, as crianças desfrutam de uma ampla variedade de alternativas acadêmicas e sociais, que influenciam diretamente em seu comportamento psicológico e social, além de promover uma melhor relação de interesse nas

práticas escolares, auxiliando também no controle interdisciplinar dessas crianças (SOUZA, 2018).

Contato de crianças com plantas

Desde os primórdios, o homem primitivo já vivia em meio à natureza e dependia das plantas para sua sobrevivência. Quando percebeu que podia controlar a natureza, ele se fixou em um lugar e assim, provavelmente, a agricultura teve início, com um simples gesto de colher as frutas, separar as sementes e jogá-las sobre o solo. Com isso, começaram a perceber que onde jogavam as sementes nascia um pé do mesmo fruto.

Segundo Rosset, Webster e Rizzi (2016), estar em contato com plantas é um momento único, no qual o corpo é vivido nas delicadezas, nas durezas, nas asperezas, nas sutilezas dos toques, dos sons, dos cheiros, dos olhares, dos gostos; ampliam-se os limites de descoberta pelas crianças, ou melhor, as deixa sem limites para experimentar o mundo que as rodeia.

Barros (2018) sugere que sejam ofertados às crianças alguns materiais como ferramentas lúdicas, como elementos naturais: terra, areia, ar, água, barro e fogo. Cada um deles traz uma mensagem especial e uma sensação diferente para a criança. Isso permite vencer o medo que os adultos têm de que a criança adoça, o que a afasta, por exemplo, do contato com a água.

Rambo e Von Borstel Roesler (2019) afirmam que, durante essa fase do desenvolvimento infantil, a criança passa a frequentar os espaços formais de ensino, fazendo-se necessário refletir como eles têm favorecido a promoção do contato com a natureza e o despertar dos cuidados com a terra.

Os benefícios que o contato com plantas pode proporcionar às crianças são: ajuda na saúde física, melhora na saúde mental, redução de estresse, auxílio na concentração, promoção de mudanças positivas no autoconceito e comportamento, além de auxiliar no desenvolvimento de várias habilidades e no exercício de responsabilidades.

A vida urbana e a rural

É muito provável que as recordações da infância dos idosos do futuro não contenham ações como subir em árvores, apanhar goiaba na casa do vizinho, chupar uma laranja colhida direto do pé ou até mesmo se sujar em uma poça de lama, como faziam nossos pais e avós.

Louv (2016) discorreu sobre o termo Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) para descrever o dano causado aos pequenos que crescem confinados em prédios e em uma redoma de tecnologia. TDN não é (ainda) um diagnóstico médico, mas se não identificado a tempo, as crianças portadoras poderão desenvolver miopia, obesidade e déficit de atenção.

Com a evolução, modernização e urbanização, a tendência é que a criança se afaste, cada vez mais, da natureza, das árvores, das flores e até mesmo dos alimentos que são produzidos no campo. Não é toda criança que pode se dar ao luxo de ter um contato direto com a natureza ou com o alimento produzido.

Não se pode ver o rural sem relação com o urbano, embora as condições de vida possam ser diversas. Daí, falar no rural como resíduo ou separado do urbano não ajuda a pensar nas políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento dos dois espaços. Assim, o diálogo – urbano e rural – campo e cidade torna-se importante enquanto “relações diferenciadas de interdependência e complementaridade” (BEZERRA; BACELAR, 2013).

Vale ressaltar que, atualmente, é cada vez mais difícil para as crianças ter contato com plantações, principalmente com culturas que estão presentes nos seu dia-a-dia, como, por exemplo, o arroz, o feijão, o milho e o café.

Agronomia

A Agronomia é uma ciência de fundamentação multidisciplinar, organizada há quase dois séculos, com o escopo de produzir conhecimentos direcionados à melhoria do desempenho agropecuário. A profissão em questão foi alavancada com a Revolução Verde, que gerou forte demanda de conhecimento dos engenheiros agrônomos devido ao intenso uso de tecnologias agrícolas e a busca de otimização dos recursos que estavam disponíveis (POSSER, 2019).

A importância da Agronomia para o agronegócio brasileiro é evidenciada com números do Produto Interno Bruto (PIB). O PIB do setor avançou 24,31% em 2020, em comparação a 2019, e alcançou participação de 26,6% no PIB brasileiro. Em valores monetários, o PIB do país totalizou R\$7,45 trilhões em 2020, e o PIB do agronegócio chegou a quase R\$2 trilhões (CEPEA, 2020).

Destacar a importância da Agronomia e suas tecnologias para crianças exige delicadeza e cuidados para transmitir o conhecimento científico a alguém que não tem conhecimento prévio do assunto. Porém, como a ciência está presente no cotidiano de todos,

nos brinquedos, na lâmpada, nos computadores, nos celulares, em nosso corpo e na natureza, o processo de aprendizagem é facilitado (SCALFI; CORREA, 2014).

Massarani e Neves (2008) evidenciam a grande capacidade que as crianças e jovens têm em lidar com temas de ciências. Porém, são poucas as atividades difusoras de conhecimento científico no cotidiano dessa faixa etária.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto de extensão “Agro é tudo” surgiu a partir do interesse das escolas de ensino fundamental do município de Lavras-MG por informações a respeito da produção agrícola do nosso país e a sua importância no cenário nacional. As escolas demonstraram interesse em apresentar aos alunos do ensino fundamental a UFLA, o Departamento de Agricultura (DAG) e os sistemas de produção que a profissão do engenheiro agrônomo contempla.

Foi criado um plano de requerimento de visitas que atendesse a demanda e estivesse acessível a todas as escolas do município (públicas e privadas). O projeto começou a ser desenvolvido no ano de 2014 e até a presente data já atendeu mais de 15 escolas do município, entre escolas urbanas e rurais.

O número de participantes do projeto já passou de 150 crianças e, apesar de grande parte dos alunos visitantes estarem na faixa etária entre 5 e 8 anos, o projeto recebe visitas de alunos com idades superiores. Tais números podem aumentar em função de novos requerimentos de visitas recebidos e novos agendamentos.

Para a realização das visitas, as turmas necessitaram de uma autorização dos pais ou responsáveis. Acompanhados de seus professores, os alunos foram recebidos pelos integrantes do Programa de Educação Tutorial do curso de Agronomia da UFLA. Essa visita foi dividida em três momentos distintos: primeiro momento em sala de aula; segundo momento em campo; e terceiro momento com uma atividade de aprendizado.

No primeiro momento, as crianças foram recepcionadas no DAG com uma apresentação oral dos nomes dos alunos, da professora responsável e dos petianos. Posteriormente, todos foram encaminhados para uma sala de aula, onde foi ministrada uma aula sobre o que é a Agronomia. De maneira lúdica, foi mostrada a importância da produção de alimentos para os diversos setores da sociedade e os principais produtos produzidos pelo Brasil (Figura 1).

Figura 1 – Apresentação dos petianos sobre o que é a Engenharia Agrônômica



Fonte: Acervo do projeto (2019).

Com isso, as crianças puderam compreender que o “Agro” está presente em todas as camadas da produção e do consumo de produtos, desde a roupa que vestimos, o combustível que usamos, à comida que ingerimos, e que, em função das qualidades climáticas e do tamanho territorial do Brasil, somos considerados “o celeiro do mundo”, fornecendo alimento para pessoas do mundo inteiro.

No segundo momento, as crianças foram levadas a alguns setores de produção agrícola da UFLA. Todas as áreas de cultivo utilizadas nesse projeto passaram obrigatoriamente por uma prévia limpeza, delimitação e avaliação, que atenderam aos requisitos de segurança, antes de receberem as crianças do projeto. O DAG e alguns setores do departamento foram apresentados de acordo com o tamanho da turma.

Os setores visitados foram os de fruticultura, olericultura, cafeicultura e entomologia. No setor de fruticultura, foram apresentadas as principais frutas de clima temperado e de clima tropical, os manejos envolvidos na sua produção (formação de mudas, enxertia e estaquia) e a importância de podas para o crescimento e desenvolvimento de algumas frutíferas. As crianças ainda puderam provar algumas frutas, dentre elas, frutas não habituais ao seu paladar, como a pitaya.

No setor de olericultura, as crianças foram apresentadas a um sistema de produção em casa de vegetação, em que puderam aprender que esse tipo de produção visa proteger os vegetais que nela estão contra os agentes ambientais externos, além de ser um ambiente controlado, no qual a planta cresce e se desenvolve com água, iluminação e insumos

adequados. Nessa visita, eles tiveram contato com alimentos comuns ao seu dia-a-dia, como, por exemplo, a alface, o pepino e o tomate.

No setor de cafeicultura, puderam conhecer um pouco sobre a história da descoberta do café e os benefícios do consumo dele. Também conheceram uma planta de café, planta que não é comum no cotidiano dessa criança, mostrando partes dela, como folhas, ramos e raízes, diferenças entre a coloração do fruto (vermelho e amarelo). Em sequência, as crianças foram levadas ao setor de terra do café, onde puderam sentir o cheiro do grão torrado e moído na hora.

No último setor visitado, o setor de entomologia, as crianças aprenderam que a entomologia é a área de estudos da Biologia que trata dos insetos e da relação deles com o homem. Desse modo, elas puderam ver alguns dos danos causados por esses insetos nas principais culturas produzidas no nosso país. Além disso, foi mostrada uma coleção entomológica com insetos, pragas e seus principais inimigos naturais.

Inicialmente, as principais reações das crianças foram de ansiedade com a nova experiência que estava por vir, ficaram surpresas com algumas plantas apresentadas e depois se mostraram mais receptivas e curiosas sobre o cultivo de algumas delas. Tais sentimentos foram observados pelas professoras responsáveis e pelos petianos. As primeiras perguntas que surgiram por parte das crianças foram a respeito de alguma experiência anterior vivida por eles, em feiras municipais, nos vasos de plantas em casa ou em alguma visita a fazendas e sítios.

Na troca de cada setor foram realizadas algumas perguntas: “Qual era o último setor visitado?”; “Qual era a cultura produzida nesse setor?”; “Qual alimento essa cultura fornecia?”; “Quais eram suas características principais?”; “Como era consumida?”; “Se possuía esse alimento em suas casas?”. Cada criança que respondeu ganhou uma bala pela participação, portanto, de maneira lúdica, pudemos verificar se houve erros de comunicação e relembrar os pontos que mais chamaram a atenção das crianças em cada área de produção agrícola visitada, tentando melhorar constantemente a comunicação no projeto.

Algumas turmas repetiram a visita e, nesse caso, buscou-se visitar um novo setor, além de realizar uma revisão das informações transmitidas anteriormente. No transcorrer da visita, as crianças demonstraram cada vez mais respeito pelas plantas, pela natureza, pelo uso consciente dos recursos naturais animais, e sinalizavam admiração e entusiasmo pela profissão do engenheiro agrônomo e demais trabalhadores envolvidos no setor.

RESULTADOS

Por meio de metodologia qualitativa foi possível verificar que as crianças conseguiram construir o conhecimento sobre a Agronomia e o sistema de produção agrícola. Também conseguiram aprender sobre as diferentes plantas cultivadas no nosso país e a importância do abastecimento de alimentos do meio rural para as cidades.

Como indicadores de avaliação do trabalho, ao final da visita ao DAG, foi solicitado às crianças que confeccionassem três desenhos: o primeiro sobre o que entendiam sobre a profissão do engenheiro agrônomo; o segundo sobre qual alimento era mais consumido em suas casas; e o terceiro sobre a planta que mais chamou sua atenção.

No primeiro desenho, foi possível verificar que as crianças assimilaram a ideia principal da profissão, sendo a produção de alimentos vista em todos os desenhos. Em um desenho específico, de uma criança de 7 anos, verificamos de forma mais profunda a contextualização do ambiente de trabalho, em que ela desenhou diferentes culturas (alface e café), lembrou do sistema de cafeicultura irrigada explicado na visita (representado pelo regador sobre o café) e, ainda, representou características ambientais (nuvens e sol) que fornecem água e luz para um adequado crescimento da planta (Figura 2).

Figura 2 – Desenho de uma das crianças do projeto representando o alimento mais consumido em sua casa



Fonte: Acervo do projeto (2019).

No segundo desenho, sobre qual alimento era mais consumido em suas casas, foi possível qualificar e quantificar os alimentos mais consumidos nos lares das crianças do projeto (Figura 3). Do total de desenhos, observou-se que os alimentos mais consumidos são: arroz (20%), feijão (17%), banana (15%), maçã (12%), laranja (9%), milho (7%), café (6%), tomate (5%), alface (4%) e outros (5%).

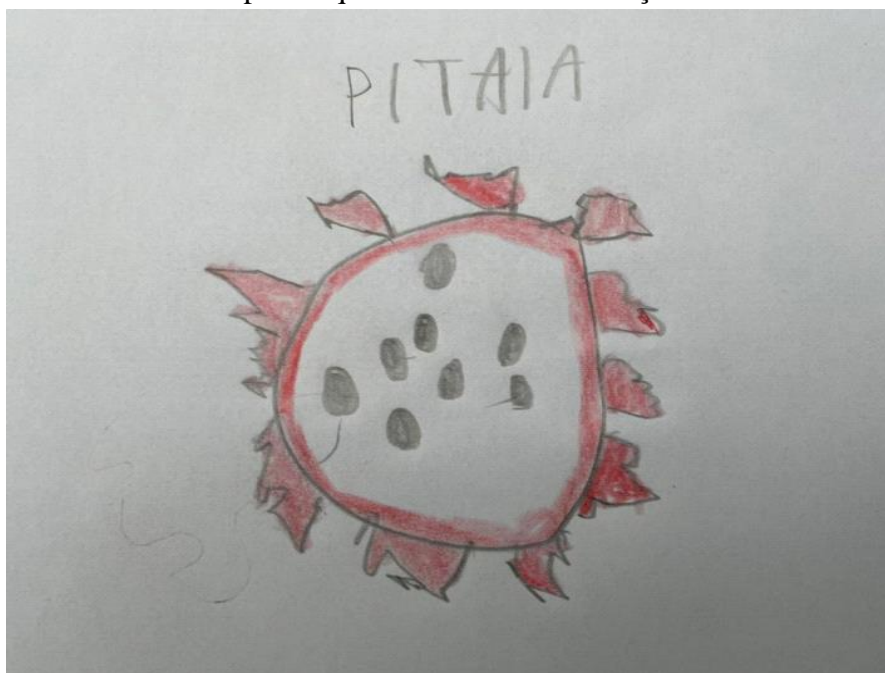
Figura 3 – Desenho de uma das crianças do projeto representando o alimento mais consumido em sua casa



Fonte: Acervo do projeto (2019).

No terceiro desenho, sobre a planta que mais chamou a atenção, verificamos uma diversidade de plantas que se destacaram aos olhos das crianças por seu formato, sabor, aroma e maneira de cultivo. Dentre as plantas apresentadas, as frutíferas se sobressaíram devido à degustação realizada durante a visita ao pomar da UFLA. Em especial, a pitaya (Figura 4) despertou a curiosidade das crianças por conta da sua história (planta exótica, de clima quente, chamada de fruta do dragão), seu formato (oval e escamosa) e diversidade de cores (polpa vermelha com casca rosada, polpa branca com casca amarela, e polpa branca com casca rosada).

Figura 4 – Desenho de uma das crianças do projeto representando a planta que mais chamou a atenção



Fonte: Acervo do projeto (2019).

Com isso, obtivemos um indicativo de aprendizado das crianças sobre todo o conteúdo informado, sobre qual alimento mais consumido em seus lares e com qual planta as crianças mais se identificaram.

Como forma de avaliar a influência da visita no ambiente escolar e familiar, foi solicitado aos professores e pais que respondessem a um simples questionário sobre o que a visita influenciou na vida das crianças.

Por parte dos professores, os relatos foram que todas as crianças passaram a interagir mais com os professores e colegas de turma após a visita e o contato com as plantas, demonstrando menos timidez, expressando-se mais facilmente e participando mais intensamente das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Por parte dos pais, os relatos foram que a visita colaborou para que as crianças conversassem mais com os pais devido à empolgação de contar suas novas experiências com a produção de alimentos, mostrando-se também mais interessadas nas atividades de casa relacionadas à comida e até mesmo passaram a consumir novos tipos de alimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crianças que crescem em ambientes favoráveis, expostas a experiências diferenciadas como as mencionadas anteriormente, tendem a se beneficiar ainda mais da educação infantil. Os impactos positivos duradouros da educação infantil, entretanto, estão condicionados à qualidade da intervenção oferecida. Isso contribui para a formação de adultos mais saudáveis e com uma melhor qualidade de vida e, portanto, com melhores condições de exercer sua cidadania e contribuir para avanços sociais.

O reconhecimento da importância de diversas profissões é fundamental para a formação de pessoas mais sensatas e respeitadas, que aprendem a admirar o trabalho em diferentes cadeias de produção. A produção de alimentos vista de forma esclarecida desde cedo proporciona um mercado consumidor mais crítico a possíveis alienações, como também a valorização dos alimentos.

AGRADECIMENTOS

Às agências de pesquisa CAPES, CNPq e FAPEMIG. Ao MEC por fomentar a manutenção do grupo PET-Agronomia. Às crianças, aos pais, aos professores e aos diretores que se envolveram e prestigiaram o projeto. À Universidade Federal de Lavras, em especial, o Departamento de Agricultura e seu corpo docente envolvido nesse projeto.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. I. A. Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. **Criança e Natureza**, Rio de Janeiro, jul. 2018. Disponível em:

https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em: 8 fev. 2021.

BEZERRA, M. L.; BACELAR, T. Introdução: as concepções contemporâneas de ruralidade e suas singularidades no Brasil. *In*: MIRANDA, C.; SILVA, H. (org.). **Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras**. Brasília: IICA, 2013. (Série Desenvolvimento Sustentável; v. 21). Disponível em:

<http://repiica.iica.int/DOCS/B3226P/B3226P.PDF>. Acesso em: 14 maio 2021.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto-PT: Porto, 1994.

BOTOMÉ, S. P. **Extensão universitária no Brasil: a administração de um equívoco**. São Carlos: EDUFSCar, 1992.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília-DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 8 mar. 2021.

CRUZ, S. A. B. Projeto de extensão universitária de apoio escolar às crianças com dificuldades de aprendizagem: integração de saberes e prestação de serviço. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, São Caetano do Sul, v. 1, n. 1, 2016. Doi: <https://doi.org/10.13037/rea-e.vol1n1.4246>. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/4246/2003. Acesso em: 2 maio 2021.

DAL PONTE, L. **O começo da vida**: marco legal da primeira infância. Brasília-DF, 2018. Disponível em: https://issuu.com/leandredalponte/docs/af_estatuto_digital. Acesso em: 13 mar. 2021.

DECROLY, J. O. Textos selecionados. In: DUBREUCQ, F.; MAFRA, J. F. (org.). **Jean-Ovide Decroly**. Tradução de Carlos Alberto Vieira Coelho, Jason Ferreira Mafra, Lutgardes Costa Freire e Denise Henrique Mafra. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. (Coleção Educadores). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4668.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

DUARTE, N. Vigotski e a pedagogia histórico-crítica: a questão do desenvolvimento psíquico. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 19-29, jan./abr. 2013. Doi: 10.14572/nuances.v24i1.2150. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2150>. Acesso em: 16 maio 2021.

FAGUNDES, J. **Universidade e compromisso social**: extensão, limites e perspectivas. 1985. 170 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_dd822823d713511283d064caef86956b. Acesso em: 29 abr. 2021.

GADOTTI, M. **Saber aprender**: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. 2000. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1125>. Acesso em: 23 fev. 2021.

KERR, L. R. F. S.; KENDALL, C. A pesquisa qualitativa em saúde. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 14, n. 6, p. 1.061-1.063, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324029419001.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do Transtorno do Déficit de Natureza. Cotia: Aquariana, 2016.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P. S. Extensão universitária: uma nova relação com a administração pública. In: CALDERÓN, A. I. *et al.* **Extensão universitária**: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo: Olho d'água, 2002.

MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2012. Doi: 10.1590/S1413-81232012000300007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFF/?lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MOUSINHO, R. *et al.* Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Rev. psicopedag.** [on-line], v. 27, n. 82, p. 92-108, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v27n82/v27n82a10.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

POSSER, A. J. A agronomia no contexto do ensino superior. **Agronomia Brasileira**, Jaboticabal, v. 3, jan. 2019. Doi: doi: 10.29372/rab201901. Disponível em: <https://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/fitossanidade/laboratoriodematologia/agronomiabrasileira/rab201901.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

RAMBO, G. C.; VON BORSTEL ROESLER, M. R. Vivência com a natureza no ambiente escolar na primeira infância e sua relevância para construção do respeito e cuidados com o meio ambiente. **RevBEA**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 111-131, 2019. Doi: 10.34024/revbea.2019.v14.2698. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2698>. Acesso em: 1 mar. 2021.

ROCHA, R. M. G. Extensão universitária: comunicação ou domesticação? **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 6, n. 2, 1984. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/12082>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, A. As crianças na natureza. **Tempo de Creche**, [s. l.], 8 fev. 2016. Disponível em: <http://www.tempodecreche.com.br/crianca-e-natureza-2/as-criancas-na-natureza/>. Acesso em: 1º mar. 2021.

SCALFI, G. A. M.; CORRÊA, A. M. A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 19, n. 1. Canoas: UnilaSalle, jan.- jul. 2014. Doi: 10.18316/1595. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/1595>. Acesso em: 15 maio 2021.

SILVA, O. O que é extensão universitária. **Integração: ensino, pesquisa e extensão**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997.

SILVA, V. P. Ensino, pesquisa e extensão: uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011. **Anais [...]** Vitória: ABEM, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/74229431-Ensino-pesquisa-e-extensao-uma-analise-das-atividades-desenvolvidas-no-gpam-e-suas-contribuicoes-para-a-formacao-academica.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SOUZA, A. C. G. *et al.* **A extensão universitária no processo da educação e a formação profissional**. Partes, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2018/08/16/a-extensao-universitaria-no-processo-da-educacao-e-a-formacao-profissional/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

SOUZA, V. H. S. *et al.* ZooKids: um relato de atividade extensionista para o ensino da

zootecnia a crianças. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 171-181, jul./dez. 2018. Doi: 10.14393/REE-v17n22018-rel06. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/43043>. Acesso em: 1º mar. 2021.

STAKE, R. E. **A arte da investigação com estudos de caso**. Tradução de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

UNICEF - FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFÂNCIA. **Desenvolvimento infantil**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 2 fev. 2021.

Submetido em 3 de março de 2021.

Aprovado em 8 de junho de 2021.